

# Ética e tradução

Gloria E. Riveros F. Strapasson<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** A tradução, enquanto resultado, está sujeita a muitos adjetivos que a qualificam como ‘infidel’, ‘tendenciosa’, ‘traidora’, entre outros. A prática tradutora é, de fato, complexa e nos coloca cara a cara com as questões da ‘fidelidade’, de quanto a habilidade tradutora é capaz de alcançar um texto idêntico ou quase idêntico ao texto de partida. Essas inquietações formam parte da ação ética que envolve a atividade do traduzir. O questionamento não surge somente da parte de quem recebe a tradução, o receptor, mas também do próprio tradutor que em certas situações se vê forçado, pelas limitações da língua de chegada, a tomar decisões que podem ferir ou comprometer o sentido do texto de partida. O tradutor se vê, enquanto mediador de culturas, enfrentado à dúvida, ao conflito ético quando uma solução não é totalmente uma verdade, mas que ao mesmo tempo, regozija-se quando ela consegue reverbera-la. A ética na tradução é uma preocupação real do tradutor que busca criar outro original com honestidade e ela se sobressai na voz de importantes nomes da teoria da tradução como Cyril Aslanov, Walter Benjamin, Lawrence Venutti; dos brasileiros como Haroldo de Campo, Millôr Fernandes, Barbara Heliadora e Paulo Bezerra, entre outros. A ética na tradução é um debate que não procura respostas definitivas, mas que abre espaço para a reflexão e exposição das interrogantes e inquietações que acometem os tradutores na sua atividade.

**Palavras-chave:** Ética. Tradução. Tradutor.

## *Ethics and translation*

**Abstract:** Translation is subject to many adjectives that qualify it as “unfaithful”, “tendentious” or “cheating”. Translation practice is indeed complex and puts us face to face with the “fidelity” issues that question translators’ ability to make a translated text identical or almost identical to its original. These worries are part of the ethical action evolved in translation practice. Also the questions don’t come exclusively from the readers, they come as well from the translators themselves who sometimes feel forced to make decisions that would “hurt” or compromise the meaning of the original text because of limitations in the language they’re translating to. Translators see themselves, as cultural mediators, facing doubt and ethical conflict when a solution isn’t entirely true. At the same time, they rejoice when they are finally able to reverberate it. Ethics in translation is a translators’ real worry when looking for a new original that’s honest. Some important authors in Translation Theory also mention this worry in their work, such as Cyril Aslanov, Walter Benjamin, Lawrence Venutti, Haroldo de Campo, Millôr Fernandes, Barbara Heliadora and Paulo Bezerra. Ethics in translation creates a debate that doesn’t search for definitive answers. Instead, it makes room for reflection and exposure to questioners and concerns that affect translators’ activities.

**Keywords:** Ethics. Translation. Translator.

## *Ética y traducción*

**Resumen:** La traducción, como resultado, está sujeta a varios adjetivos que la califican como ‘infidel’, ‘tendenciosa’, ‘traidora’, entre otros. La práctica traductora es, de hecho, compleja y nos coloca frente a frente con los asuntos de la ‘infidelidad’, de cuanto la habilidad traductora es capaz de alcanzar un texto idêntico o casi idêntico al original. Esos desasosiegos forman parte de la acción

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e docente efetiva do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: gloriastrapasson@gmail.com . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3455-3151>.

ética que envuelve la actividad de traducir. El cuestionamiento no surge solamente de la parte de quien recibe la traducción, el receptor, sino también del propio traductor que en ciertas situaciones se ve forzado, por las limitaciones de la lengua de llegada, a tomar decisiones que pueden herir o comprometer el sentido del texto de partida. El traductor se ve, como mediador entre culturas, enfrentado a la duda, al conflicto ético cuando una solución no es totalmente una verdad, pero que al mismo tiempo, se regocija cuando ella consigue reverberarla. La ética en la traducciones una preocupación real del traductor que busca crear otro original con honestidad y ella se sobresale en la voz de importantes nombres de la teoría de la traducción como Cyril Aslanov, Walter Benjamin, Lawrence Venutti; dos brasileiros como Haroldo de Campo, Millôr Fernandes, Barbara Heliodora e Paulo Bezerra, entre otros. La ética en la traducción es un debate que no busca respuestas definitivas, sino que abre espacio para la reflexión y exposición de las interrogantes e desasosiegos que acometen a los traductores en su actividad.

**Palabras claves:** Ética. Traducción. Traductor

*Se a essência espiritual se identifica com a linguagem, então a coisa será, de acordo com a sua essência espiritual, o 'medium' da comunicação, e aquilo que nela se comunica é [...] precisamente esse 'medium'*

Walter Benjamin

Podemos considerar a tradução como uma das atividades mais antigas do mundo. Ela se propôs, historicamente, como ponte de comunicação e de mediação entre culturas. O ato de traduzir, e especialmente o tradutor em sua atividade, está sujeito à análise da sua pertinência desde a perspectiva da importância do texto-fonte e da ação fidedigna do texto traduzido, principalmente, referindo-me aqui à tradução literária. Muitas são as discussões a respeito dessa ação, em especial, ao que se refere às “eventuais” – inocentes ou não – traições do tradutor, são as decisões e soluções que colocam na mesa de debate o posicionamento ético da atividade tradutória.

Sem dúvida, o ato de traduzir é um ato complexo que não leva só em consideração as línguas envolvidas, mas também, os seus sistemas culturais, filosóficos e ideológicos. Envolve, por outra parte, o projeto tradutório que justifica sua relevância e suas intenções. Na tradução, nada parece tão simples quando temos em nós, enquanto tradutores, o desejo de dar à luz, em outro contexto cultural, uma obra escrita pela pena do Outro. O tradutor, muitas vezes, impossibilitado de encontrar soluções fatíveis, recorre a mecanismos ou saídas que o levam a uma ‘infidelidade’ consciente.

Nos estudos da tradução, algumas teorias pós-estruturalistas de ordem filosófica e literária discutem as “prerrogativas e responsabilidades” (ASLANOV, 2015, p. 15) do tradutor em relação a sua atividade. Nesse viés é que este trabalho pretende estabelecer um diálogo entre alguns importantes teóricos da tradução e tradutores.

De fato, o tema da ética na tradução é um tema muito sensível. Por esse motivo, este texto pretende apresentar uma breve reflexão sobre esse assunto, sem outras pretensões, mais do que expor uma discussão que me inquieta e que faz parte dos meus ques-

tionamentos internos diante da minha própria prática de tradução, entre eles: i) qual é, em definitiva, o propósito de uma tradução?; ii) o que é ou define uma boa ou má tradução?; e; iii) quais são os limites da tradução?

A começar, Walter Benjamin, em *A tradução e a Letra ou o albergue do longínquo*, analisa a tradução como um sistema de forças das quais o tradutor não consegue escapar e que, inclusive, despertam seu interesse em traduzir (BENJAMIN, 2013, p. 63). Essas forças deformadoras correspondem à tradução etnocêntrica, no sentido de que uma tradução pareça e apareça como original, e hipertextual, no sentido de imitação de outro texto, seja por adaptação, pastiche ou variação (BENJAMIM, 2013, p. 46-47). Seus aparecimentos estão determinados pelo objetivo tradutório. Guiando-me pelos pressupostos de Benjamin, pressuponho que a tradução deveria manter um *como* – em relação à própria tarefa do traduzir –; um *para quê* traduzir – no sentido de qual mensagem transmitir – e; *para quem* traduzir – em relação a seus destinatários.

A tradução é um espaço de análise de diversos textos, sejam eles técnicos ou literários, ela busca sempre comunicar, de uma forma ou de outra. Ademais, com vistas ao receptor, a tradução se propõe, de alguma maneira, a ‘descomplicar’ e a colocar a obra ao alcance do leitor. Esses propósitos determinam, a priori, uma manipulação por parte do tradutor, mesmo que de forma inconsciente. Cyril Aslanov, autor israelense da obra *A tradução como manipulação*, demonstra através de diversos exemplos como o processo tradutório está sujeito a essa armadilha, mesmo ela estando apegada à literalidade, não há escapatória, a manipulação é uma realidade. O processo tradutório, segundo Aslanov, está dirigido por mecanismos ou recursos que alteram ou adulteram o texto de partida, e isso se explica pelos riscos que o tradutor aceita e adota com o objetivo de levar a obra até o público receptor. A experiência tradutória não é uma tarefa fácil, uma vez que se vê delimitada pelas fragilidades das línguas em questão. Aslanov afirmará que:

Aqueles casos de manipulação por parte do tradutor fazem perceber que a arte da tradução é uma ‘difícil liberdade’, [...]. Difícil, porque é quase impossível respeitar o imperativo de transparência que se espera de um tradutor honesto: as restrições e as limitações que se fazem sentir quando se passa de uma língua para outra são fatores que distorcem o caminho e fazem aparecer a tradução como um discurso ontologicamente oblíquo. Liberdade, porque mesmo quando o tradutor fica no limite imposto pela deontologia, existem tantas opções, tantos caminhos (por tortos que sejam) na trajetória que leva de uma língua a outra que amiúde o problema do tradutor é precisamente indecisão diante de opções demasiadamente variegadas. (ASLANOV, 2015, p. 15-16)

Se de um lado o tradutor deseja com veemência garantir ao receptor a legibilidade, por outro, até mesmo a tradução mais literal é presa pela manipulação. Benjamin, no texto destacado, *A tarefa do tradutor*, considera que a preocupação com o destinatário da tradução é um “ideal nefasto” que seria suficiente só em compreender que a tradução se valida e se justifica pela intenção de colocar o texto ao alcance do leitor, ou seja, que não ignora a língua de partida. Benjamin afirma que “Para apreendê-la [a tradução] enquanto tal, é necessário regressar ao original, pois nele reside a lei da tradução, contida na sua tradutibilidade” (BENJAMIN, 2015, p. 66).

A escritora e tradutora indobritânica-estadounidense, Jhumpa Lahiri, em seu ensaio *Elogio a eco: uma reflexão sobre o significado de traduzir* que trata da experiência de traduzir a obra *Lacci*, de Domenico Starnone. Este ensaio compreende a tradução como uma verdadeira ‘metamorfose’, que é acompanhada de um profundo sentido de responsabilidade, na qual o tradutor “restaura o sentido de um texto por meio de um elaborado processo alquímico que requer imaginação, engenhosidade e liberdade” (LAHIRI, 2022, p. 169) e essa transformação se caracteriza por ser “radical, dolorosa e milagrosa” (2022, p. 167). Na visão da autora, a tradução é “um reflexo que ‘parece’ ser o original enquanto na verdade é bastante separado e distinto” (2022, p. 174). Do ponto de vista de Lahiri, a tradução não passa de um reflexo, pois:

O truque para uma boa tradução é não ser capaz de reconhecer qual é qual. No minuto em que uma tradução “parece” ou “soa” como uma tradução, o leitor recua e a acusa, a rejeita. A grande expectativa que colocamos sobre a tradução é que ela soe “verdadeira”. É por isso que as exigências sobre uma tradução são maiores do que as sobre um texto original. (LAHIRI, 2022, p. 174)

Diante desta afirmação, esse ‘soar’ é o indicativo, desde um viés ético, de um compromisso que domestica ou estrangeiriza o texto fonte. Em uma das teses de Lawrence Venutti contida na obra *A invisibilidade do tradutor*, o estudioso analisa essas perspectivas éticas enquanto ética intercultural. De um lado, a domesticação pode reafirmar padrões, sejam linguísticos, literários, culturais, entre outros. Por outro, a estrangeirização pode adotar ‘recursos ou ideologias’ marginais com o objetivo de se impor aos padrões dominantes da cultura receptora. Dessa maneira, ela é capaz de provocar transformações a partir do questionamento dos aspectos sociais e culturais por parte da cultura que acolhe a tradução (VENUTTI, 2021, p. 21-22).

Evidentemente, a tradução é objeto sujeito a questionamentos constantes. Enfrentada ao dilema da verdade, a discussão toma contornos filosóficos que se traduzem nos

objetivos éticos que cada tradução se propõe. Benjamin compreende que há dois termos fundamentais nesta discussão: a fidelidade e a exatidão. Esses dois termos determinam a experiência da tradução, como “sujeito e objeto de um saber próprio” (BENJAMIN, 2015, p. 23), ou seja, que supõe uma ‘postura’ diante dos textos, na qual o tradutor é tomado por um desejo ético mais do que literário ou estético. (BENJAMIN, 2015, p. 95). A qualidade ética, conforme Benjamin, se encontra no reconhecer o outro como outro, “a tradução é, na sua essência, o ‘albergue do longínquo’” (Benjamin, 2015, p. 97)

Essa postura de reconhecimento é um manifestar que transcende a comunicação, pois compromete a compreensão do todo, pela novidade no seu próprio sistema literário e, a preservação dessa inovação, é o ato ético ao qual o tradutor não poderia fechar os olhos (BENJAMIN, 2015, p. 97-98). Trata-se de manter um compromisso com a *letra* da obra e não a escurecer. Benjamin afirma que “ser ‘fiel’ a um contrato que significa respeitar suas cláusulas, não o ‘espírito’ do contrato. Ser fiel ao ‘espírito’ de um texto é uma contradição em si” (2015, p. 98).

A expressão italiana *traduttori traditori* é responsável por nos colocar diante do dilema ético da tradução. Enquanto atividade altamente hermenêutica, para Aslanov a debilidade interpretativa pode ser um fator comprometedor e se transformar em algo perigoso, uma vez que o tradutor ao tentar esconder suas debilidades, age de ‘má-fé’. Uma postura que, no ato de transferir a obra para outra língua, opaca os sentidos do texto de partida, não havendo somente perdas, mas algo mais grave ainda, pode promover a perpetuação de mitos ou de dogmas que Aslanov denomina de efeito borboleta (p. 25). O teórico apoia-se, como exemplo, na tradução do versículo de Isaías 7, 14 a respeito da adoção do termo ‘virgem’ na tradução, referindo-se à mãe de Jesus no texto bíblico, em lugar de ‘garota’, que nas considerações do estudioso, são negligentes e tendenciosas, dado que há indícios de acréscimos semânticos do termo não expressos no texto de partida (2015, p. 25-26).

Cyril Aslanov discute outras formas de ‘fraude’ identificadas nas práticas tradutórias, apontando para alguns mecanismos que atingem certos e específicos objetivos e, conseqüentemente, atentam contra a ética da atividade tradutória, listando-as da seguinte maneira: i) a autocensura de termos em razão de tabus e/ou ideologias políticas ou religiosas; ii) o boicote pela omissão, ocultação e/ou substituição de fragmentos que se referem a ideologias ou até mesmo referindo-se a determinadas culturas perpetuando certos conceitos em relação a elas, como a deslegitimação; iii) o nivelamento pelos mecanismos de domesticação e estrangeirização, e por último; iv) a tradução automática realizada por ferramentas virtuais que traduzem obedecendo os sentidos denotativos da(s) língua(s).

Os problemas da ética na tradução ainda são mais palpáveis no campo do mercado editorial, cujos propósitos e intenções se encontram na formação de identidades, isso a depender do destaque que uma determinada sociedade tem sobre outra. A ética na prática tradutória defendida por Lawrence Venutti em sua reconhecida obra *Escândalos de tradução* está pautada no horizonte da diferença. A tradução mover-se-ia nas diferenças de índole cultural, econômica e política, segundo Venutti:

A tradução é vista como uma intervenção significativa na hibridez poli linguística e cultural que caracteriza situações coloniais e pós-coloniais, uma fonte útil de inovação linguística na construção de literaturas nacionais e na resistência ao domínio de línguas e culturas hegemônicas. (VENUTTI, 2019, p. 376)

O reconhecimento das diferenças culturais é importante para a construção de uma ética que visa o outro no seu modo de ser, a fim de evitar a alienação e “promover a inovação e a mudança cultural” (VENUTTI, 2019, p. 378). É através da consideração das diferenças linguísticas e culturais que a estrangeiridade pode ter reconhecimento e lugar.

Porém, isto não quer dizer que o tradutor e sua criação devam ser considerados subordinados à obra de partida, a final de contas, a tradução é resultado de seus processos e jamais poderá ser o mesmo texto, uma sombra do autêntico. O tradutor, como bom artista, criará sempre um novo original.

Na experiência de alguns tradutores dos séculos XX e XXI é possível apreciar os conflitos éticos que a tradução engloba. Cada um, desde sua experiência tradutória, traz ao debate aspectos relevantes frente à posição do tradutor enquanto sujeito mediador.

Para Haroldo de Campos, a tradução é uma verdadeira ‘transfusão’, por onde a diferença transita. A tradução criativa, enquanto ato radical, guarda o desejo de descortinar a semiótica do texto poético. Perseguindo esse fim, a tradução provoca, pelo isomorfismo, uma inevitável ruptura com a ideia de fidelidade, portanto não deixa de ser um caso de ‘usurpação’. Campos afirma que “ela [a tradução] intenta, no limite, a rasura da origem: a obliteração do original” (CAMPOS, 2018, p. 112), é o que denomina de ‘transluciferação’.

Já Millôr Fernandes considera a tradução como uma das tarefas intelectuais mais complexas. O ato de traduzir supõe absoluto respeito à letra do original. O ato de traduzir supõe algumas condições técnicas e éticas, como conhecer as línguas envolvidas, principalmente a de chegada; conhecer as culturas implicadas; agir com intuição; escrever com estilo próprio, e por último, frente ao labor “exaustivo, anônimo, mal remunerado” (FERNANDES, 2018, p. 131) ter a dignidade como tradutor. (FERNANDES, 2018, p. 132)

Para Barbara Heliadora, sobre suas traduções de Shakespeare, a tradução, assim como Millôr Fernandes, pressupõe igualmente o domínio das línguas presentes no processo tradutório, mas, acrescenta que o pior dos crimes na tradução é a carência de precisão e clareza que compromete a falta de sentido do texto (2018, p. 178).

Paulo Bezerra, comentando a tradução de *Crime e castigo* do escritor russo Fiódor Dostoiévski, como projeto absolutamente pessoal, menciona que um dos aspectos importantes na tradução é conhecer bem o universo cultural do texto de origem. Ele é primordial para a manutenção da honestidade nos sentidos que são reproduzidos pela tradução, afirmando que é preciso obedecer “[a]o comprometimento ético com a palavra do outro” (2018, p. 196) como condição essencial do ato de traduzir. E acrescenta:

Isso nos obriga a ir às últimas consequências, ao fundo do poço à procura do sentido mais próximo de determinada palavra ou expressão nas circunstâncias concretas da sua enunciação. (BEZERRA, 2018, p. 196)

Para Bezerra, ‘amaneirar’ Dostoiévski significa “atentar contra a originalidade do autor” (2018, p. 196), é ir contra a importância do discurso e proposta literária do autor russo. Nesse sentido, preservar a maneira de expressão dos personagens, a construção e ritmo das falas dentro do enredo dramático e psicologicamente tenso se tornam particularidades indispensáveis para a manutenção do estilo, no caso comentado, de Dostoiévski.

Diante de várias posições aqui expostas, o conflito ético da tradução está imbricado às questões da lealdade, mas, pergunto-me: a quem? Ao autor? Ao leitor/receptor? A se mesmo, enquanto projeto puramente pessoal? Sem sombra de dúvidas, a tradução nos impõe posicionamentos conflitivos, decisões e soluções que precisam ser assumidas com responsabilidade. A inquietação de quem está se aventurando nessa estrada pode estar alojada em dois sentidos. De um lado, a tradução pautada no texto-fonte, em como fazer reverberar, deixar transparecer o Outro, por mais estranha que as decisões e soluções possam ser, acreditamos que há um compromisso com a verdade que reside no respeito e não no apagamento daquele se deixa traduzir. Por outro, é o lugar do tradutor e suas marcas, seu reconhecimento e valor, trata-se da sua voz, do respeito pela sua criação, a sua identidade como o outro autor dessa obra.

Não se pode afirmar quais são os critérios de uma boa tradução, mas é possível dizer que a tentativa do tradutor, quando honesta, em colocar uma obra literária ao alcance da sua gente é louvável, considerando a tarefa extenuante, apesar de cativante, que significa dar outra roupagem a uma obra que para o receptor, em desconhecimento da

língua e cultura do Outro, seria inacessível. Nesse sentido, a figura do tradutor precisa ser reconhecida e não apagada, como infelizmente, ainda assistimos.

Por outro lado, outro conflito ético surge, que não abordei abertamente neste texto, mas que foi amplamente discutido por Lawrence Venutti em *A invisibilidade do tradutor*, e que igualmente me preocupa: o reconhecimento e valorização do tradutor e sua importância e contribuição para a sociedade e enriquecimento da cultura. Então, quando me pergunto: o que transita pela tradução? Nesta questão parece-me evidente a contradição, pois enquanto a figura do tradutor se desvanece, sua palavra ressoa e se faz ouvir. Se de um lado desejamos transmitir uma obra, de outro estão as nossas pegadas como genitores de outro original. Mario Laranjeira afirma em *Poética da tradução* que a tradução apresenta as marcas do sujeito tradutor, da mesma forma como o autor deixa suas marcas na sua criação. Para reforçar, o autor afirma que “é ilusão pretender-se fazer uma tradução que não pareça uma tradução, se com isso se entende uma tradução que não tenha as suas próprias marcas” (LARANJEIRA, 2003, p. 124).

Parece-me que o conflito ético se aprofunda ainda mais quando pensamos em quais caminhos tomar, quais decisões devemos ou precisamos adotar, se devemos ou não nos subordinar ao autor e a seu original. São as inquietações da tradução, um ato longe de ser simples, e que apesar dos seus riscos, nos atrai e nos desafia.

Tentando responder aos questionamentos iniciais sobre o(s) propósito(s), a condição e aos limites da tradução, entendo que não há respostas absolutas a essas questões. Primeiro, porque a atividade de traduzir envolve um sujeito subjetivo atrelando-se a ressoar outro sujeito, igualmente subjetivo, ambos atravessados pela historicidade, pela cultura e pelas crenças de um determinado tempo e espaço. Segundo, nesse papel mediador, de trazer de lá para cá e vice-versa, se resume em uma aventura repleta de dúvidas, conflitos, acasos, ganhos, recompensas e perdas, mas que sem dúvida, fica a satisfação de ter sido capaz de haver ecoado, assertivamente ou não, a palavra de outra pessoa de outra forma, que sem abandonar absolutamente sua gênese, renasce em outro lugar, em outro corpo.

## BIBLIOGRAFIA

ASLANOV, Cyril. *A tradução como manipulação*. São Paulo: Perspectiva: Casa Guilherme de Almeida, 2015.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a Letra ou o Albergue do longínquo*. Tradução de Marie- Hélène Torres; Mauri Furlan; Andrea Guerini. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BERMAN, Antoine. Trabalho do tradutor. In: *Linguagem, tradução, literatura (filosofia, teoria e crítica)*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.



BEZERRA, Paulo. Nas sendas de Crime e Castigo. In: *Palavras de tradutor: Reflexões sobre tradução por tradutores brasileiros*. Martins, Marcia; Guerini, Andréia (org.). Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2018, p. 111-112.

CAMPOS, Haroldo de. Transluciferação Mefistofáustica. In: *Palavras de tradutor: Reflexões sobre tradução por tradutores brasileiros*. Martins, Marcia; Guerini, Andréia (org.). Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2018, p. 111-112.

FERNANDES, Millôr. Sobre tradução. In: *Palavras de tradutor: Reflexões sobre tradução por tradutores brasileiros*. Martins, Marcia; Guerini, Andréia (org.). Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2018, p. 131-132.

HELIODORA, Barbara. Meus motivos para traduzir Shakespeare. In: *Palavras de tradutor: Reflexões sobre tradução por tradutores brasileiros*. Martins, Marcia; Guerini, Andréia (org.). Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2018, p. 175-191.

LAHIRI, Jhumpa. Elogio a Eco: Uma reflexão sobre o significado de traduzir. Tradução de Andréia Guerini. In: *As línguas da tradução* (livro eletrônico). Amarante, Dirce Waltrick do; Guerini, Andréia, Librandi, Marília (org.). Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie, 2022, p. 166-180.

LARANJEIRA, Mário. *Poética da tradução*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

VENUTTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor: Uma história da tradução*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esquerda, Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

VENUTTI, Lawrence. *Escândalos da tradução. Por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esquerda, Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

